

O Homem-Montanha

O filho era a única razão da sua existência. Pelo filho ele continuaria vivo, trazendo para casa pelo menos o magro salário de porteiro da academia de luta livre.

Continuaria vivo, mas já tinha deixado de viver.

A maior cadeira de rodas que tinham conseguido encontrar parecia pequena demais para ele. Ainda era um homem grande, mas a montanha que ele um dia fora havia desmoronado para sempre.

Ele sequer bebia. Depois de tudo aquilo que tinha sonhado como “vida” tivera um fim, o ex-Homem-Montanha tentara transformar-se em um bêbado. Mas até nisso tinha falhado. A cachaça não trouxera nem solução nem alívio para sua desgraça. Já desistira de buscar solução ou alívio. Na bebida ou no que quer que fosse.

– Você ainda pode ser treinador – tentavam estimulá-lo. – Você sabe tudo de luta livre. Os jovens lutadores precisam da sua experiência. Você ainda pode continuar lutando de outra maneira, Montanha. Na vida, ainda há muitos *rounds* a disputar...

Inútil. Montanha nada parecia ouvir. Vivia profundamente mergulhado em apatia, numa espécie de ausência, de alheamento a tudo o que acontecia à sua volta. Seu olhar estava sempre distante, perdido em alguma lonjura onde seus sonhos se haviam enterrado, sempre recordando, sempre repassando cada detalhe da humilhação que tinha sofrido. A paralisia da cintura para baixo não contava nada. Era a humilhação que contava. Mil vezes por dia, o videoteipe do seu passado recente passava-lhe frente aos olhos da recordação, mil vezes renovando seu desespero.

Recordando...

Teria seu sonho sido grande demais? Teria ele pedido demais à vida? Teria sido demais pedir à vida que seu único filho se orgulhasse dele?

O Homem-Montanha nunca pudera estudar. Mas crescera grande e forte. Já adolescente, era um gigante de músculos e pouca cabeça. Estaria condenado ao trabalho braçal se não tivesse descoberto a luta livre, a única especialidade que seu tamanho e sua pouca cultura permitiriam. Logo conseguira construir um nome respeitável. Um nome imenso, forte, corajoso. Transformara-se no Homem-Montanha.

Ah, mas com seu filho seria diferente! Seu filho haveria de estudar, de ser especial,

de ser alguém que não tivesse de dar murros e levar tombos pela vida. O menino tinha de orgulhar-se dele. Teria de crescer e vencer na vida. Para isso, todos os tombos valiam.

A mãe do menino passara por sua vida e desaparecera, deixando-lhe apenas aquele garoto e quase nenhuma saudade. A mãe do menino não importava. Ele mesmo não importava. O que importava era o filho.

Logo que o menino se entendera por gente, Montanha o levava às lutas, onde ele ficava sentadinho na plateia, à espera do momento em que o pai, o estupendo Homem-Montanha, fosse anunciado. Crescera esperando o momento em que o pai entraria em cena – soberbo, musculoso, imbatível, o soberano dos ringues. Sabendo que seu filho o assistia, Montanha ficava maior ainda. Sentia-se cada vez mais forte, mais corajoso. Redobrava-se nos treinamentos, aprimorando os golpes, caprichando nas tesouras-voadoras, nas gravatas e nos pescoções que fazem delirar os aficionados da luta livre.

Ele tinha de ser, para o filho, a base de orgulho de que o menino precisava para crescer confiante, para enfrentar o futuro de cabeça erguida. Para o filho, Montanha era invencível.

As lutas livres, porém, como toda gente sabe, são combates simulados previamente. É tudo ensaiado mesmo. Tudo marmelada. Mesmo para quem não sabe, basta pensar um pouco para concluir que, se dois homens fortes e treinados lutarem mesmo para valer, de modo livre mesmo, a luta acabaria em muito sangue e fraturas.

Por isso, nos acertos da luta livre, os golpes, lícitos ou não, os lances emocionantes, as caretas e tudo o mais são previamente ensaiados. E, é claro que, ao começar a luta, já está decidido pelos organizadores quem deve ganhar e quem deve perder. As duplas são formadas de modo que um dos lutadores seja o “mocinho”, a quem a plateia pode aplaudir e incentivar, e o outro seja o “bandido”, para que a platéia tenha alguém para xingar e vaiar.

Mas o filho do Homem-Montanha não sabia disso. Para o menino, o pai era mesmo um lutador imbatível, um vencedor, um herói! E o pai descobrira um jeito de manter essa “invencibilidade” aos olhos do filho. Quando estava escalado para o papel de “bandido”, nas lutas em que os organizadores haviam determinado que ele deveria perder, Montanha arranjava uma desculpa e não levava o filho para assistir. Mas, quando ele seria o “mocinho”, lá estava o filho na primeira fila, torcendo pelo pai, confiando em sua vitória e vibrando de alegria no momento em que o árbitro (outro participante do *show* pré-combinado) levantaria o braço do Homem-Montanha, enquanto

o adversário se contorcia em falsas dores, “nocauteado”.

Com sua determinação e com seus tombos, Montanha conseguia ganhar o suficiente para dar conforto à vida material do filho mas, principalmente, conseguia fazer com que ele o adorasse, o idolatrasse.

À noite, depois de terminadas as lutas, Montanha levava o filho a uma lanchonete, oferecendo-lhe um sorvete e ficava calado, sorrindo de felicidade, enquanto o filho lembrava excitadamente cada lance da “impressionante” atuação do seu corajoso, do seu invencível pai, o grande Homem-Montanha.

Foi numa noite dessas.

Montanha fora especialmente hábil na repetição da luta ensaiada contra um “terrível” colega que, quando fazia o papel de vilão, levava os torcedores à loucura, provocando, ameaçando a plateia, estimulando as vaías e aplicando muito bem os ensaiados “golpes sujos”. No final, acabava valorizando incrivelmente a vitória do adversário.

O rosto do filho ainda estava vermelho de emoção e alegria quando os dois se sentaram na lanchonete. Não parava de falar e só lamentava ser impossível trazer todos os coleguinhas da escola para presenciar as façanhas do pai. Já devorara um sanduíche com refrigerante e, agora, atirava-se a uma taça de sorvete com cobertura. Montanha apenas ouvia e sorria, à frente de uma garrafa de água mineral, sentindo-se de bem com a vida.

Mas aquela noite faria com que a satisfação nunca mais voltasse à sua alma.

Era tarde, havia pouca gente na lanchonete, quando o homem entrou com um revólver.

– Quietinhos! Todo o mundo! Isto é um assalto. De pé!

Um homem magro. Revólver na mão. Parecia alterado, talvez drogado, os olhos vermelhos, apontando a arma para todo lado.

– Você aí! – o assaltante apontava a arma para o dono da lanchonete, atrás do balcão. – Nem pense em mexer um dedo. Passe tudo que tem na caixa. Rápido!

O dono da lanchonete, com o queixo tremendo, espremendo-se contra a prateleira de garrafas que havia atrás de si, obedeceu à ordem, aproximando-se medrosamente da caixa registradora.

A gaveta da caixa abriu-se e o ladrão, com a mão livre, foi pegando todas as notas e enfiando-as amassadas nos bolsos do blusão.

Os poucos fregueses já estavam de pé, como fora ordenado. Ninguém ousava dizer uma palavra, e o máximo que se permitiam era entreolhar-se à beira do desespero.

Montanha pusera-se na frente da mesa, tentando esconder o filho com o corpo.

Esvaziada a caixa da lanchonete, o homem virou-se para os fregueses, apavorados.

Uma mulher choramingou quando o assaltante arrancou-lhe a bolsa.

– Cala a boca, piranha, se não quer levar chumbo!

– Meus documentos! Deixe eu ficar pelo menos com os documentos! – implorou a mulher. – Minha carteira de trabalho, pelo amor de Deus!

– Aqui estão seus documentos! – vomitou o assaltante, girando a mão armada, de baixo para cima, violentamente, e atingindo a pobre mulher por debaixo do queixo.

A mulher caiu para trás, com um berro surdo.

Montanha viu o sangue brotar do grande corte que a pancada provocara. Tremeu, numa reação involuntária, na direção do agressor.

– O que foi, grandalhão? Vai querer me encarar?

O revólver estava erguido a um palmo do Homem-Montanha, apontando para sua cabeça.

O assaltante seria uns dois palmos menor do que Montanha e uns trinta quilos mais fraco. Mas tinha o revólver.

– O que há? Você pensa que é muito grande, é? Vamos! Experimente! Mexa só um músculo. Unzinho só... Meu dedo está louco para mandar uma azeitona bem no meio dos seus olhos!

O lábio do Homem-Montanha tremeu. O suor começou a brotar-lhe da testa.

– Estão vendo só? – gozou o assaltante. – O sujeito só tem tamanho. Tamanho e covardia. Ah, ah!

O assaltante continuava. Aproximou-se de Montanha, encostando o cano da arma em seu pescoço.

– O que é que você está escondendo aí atrás, hein? Um garoto, é? Vem cá, molequinho...

Pegou a gola do casaco do filho do Homem-Montanha. O cano do revólver mudou-se da garganta do pai para a têmpora do filho.

– Passa a carteira, grandão! Vamos, tudinho!

Montanha baixou os olhos. Lá estavam os olhos do filho, arregalados, olhando somente para ele. Tremeu, sem saber o que fazer. A mão do assaltante apertava mais ainda a roupa do filho, sem desviar a arma.

– Vamos, grandão! A carteira, eu disse!

Lentamente, o Homem-Montanha tirou a carteira e entregou-a, sem nada dizer.

– O relógio! Quero o relógio também. Vamos lá. Rápido!

Ele desatou a correia e, nervoso, fez com que o relógio caísse no chão.

– Assim não está bom, grandão bobo! Você quer quebrar o meu relógio? Apanhe, vamos!

Montanha abaixou-se e fez o que lhe mandavam.

O assaltante foi se entusiasmando por perceber-se com um poder tão absoluto sobre um homem grande como Montanha. Agarrando o menino e notando a desorientação do homem grande que tremia à sua frente, sentia-se dono do mundo. Toda sua vida de humilhações, de violência e frustrações parecia solucionar-se com aquele momento de superioridade.

– Ah, ah! Estão vendo? – riu-se, ao receber o relógio. – O grandão não é de nada! É um fresco igual a todo o mundo! O único homem que tem aqui sou eu! Sou eu!

Os olhos do assaltante brilhavam loucos, injetados, e ele sorria num esgar de sadismo, babando cuspe de vingança contra o mundo. Em sua loucura, buscava um revide a esmo, uma revanche contra a vida, e Montanha tornara-se um alvo na medida certa.

– É um fresco! Ei, moleque, esse babaca é o teu pai? Ah, ah! Como é que um fresco como esse pode ter filho? Ah, ah!

Montanha permanecia de olhos baixos, calado, tremendo, suando, sem conseguir encarar nem o assaltante nem o filho.

– Quer ver como teu pai é fresco, moleque? Quer ver?

As unhas do pai cravaram-se nas palmas das mãos crispadas. Uma lágrima brotou-lhe do canto do olho e correu pela face.

– Aí, veado! Agora vai chorar como uma mulherzinha, é? Será que você é uma mulherzinha? Vamos ver se você é uma mulherzinha. Vocês querem ver se o grandalhão aqui é homem ou mulher, pessoal?

Forçou ainda mais o cano da arma contra a cabeça do filho de Montanha e passou

o olhar esgazeado em volta:

– Todo mundo aqui quer descobrir se o grandão aqui é só um homem babaca ou uma bicha covarde, não quer?

Com um esgar nojento, voltou-se para o pai:

– Vamos, tire as calças!

A boca de Montanha abriu-se, como se o músculo do queixo perdesse a força. Empalideceu.

– Vamos! Quero ver o que é que você tem entre as pernas. Tire as calças, senão o miolo do teu filho vai sujar a lanchonete!

Mudo, chorando, tremendo, suando, pálido a ponto de desmaiar, Montanha levou a mão ao cinto.

– Estamos esperando, sua bicha!

Chorando, desafiou o cinto.

– Eu não tenho a noite toda, veado!

Chorando, puxou o zíper da braguilha.

– Meu dedo está com cócegas, grandão babaca!

A calça do Homem-Montanha escorreu-lhe lentamente pelas pernas.

– A cueca! Tira logo!

* * *

O assaltante ainda ria quando desapareceu pela porta da lanchonete.

O olhar do Homem-Montanha, embaçado pelas lágrimas, só conseguia ver os olhos do filho. Olhando-o fixamente. Sem uma palavra.

* * *

Montanha não se lembrava direito do que tinha acontecido depois, naquela noite. No dia seguinte, compareceu como um autômato aos treinos na academia de luta livre. Mas estava desligado, sem concentração. Ao receber um “balão” comum, aplicado por um de seus melhores amigos dentre os colegas lutadores, girou molemente no ar e caiu de mau jeito.

Tlec!

Sua coluna vertebral partiu-se em dois.

* * *

E agora estava ele ali. Paralítico para sempre. Para sempre condenado à cadeira de rodas. Porteiro da academia que vira seus dias de glória. Nada mais lhe restava.

Mas não fora a paralisia a responsável pelo estado lastimável em que o Homem-Montanha se encontrava. Os colegas tinham razão: o que ele sabia de luta livre seria mais do que suficiente para que ele pudesse tornar-se um treinador e levar a vida com conforto, ainda oferecendo ao filho tudo o que o menino precisava para crescer e conquistar todas as realizações que o pai sonhara para ele.

Não. Não fora a paralisia. Fora o olhar do filho naquela noite maldita.

Eram só aqueles olhos grandes e negros que nunca se fechavam em sua memória.

Os colegas tudo faziam para compensar a desgraça do amigo. O que treinava com ele na tarde do acidente praticamente havia se tornado responsável pelos gastos com a educação do filho de Montanha, procurando compensar as consequências do acidente que tinha sido causado pelo estado de humilhação do amigo e não pelo golpe aplicado no treinamento.

Depois da escola, o menino ia para a academia levar uma marmita com o almoço do pai. Montanha comia em silêncio, junto com o filho, que tentava distraí-lo contando as peripécias do dia na escola, trazendo algum acontecimento engraçado, alguma travessura de algum colega, procurando provocar um sorriso no rosto alheado do ex-Homem-Montanha. O seu querido pai. O homem desabado.

* * *

Duas viaturas da polícia, sirenes berrando ao máximo, entraram por lados opostos da rua onde ficava a academia de luta livre. Entre eles, um carro perseguido acabara de chegar cantando os pneus. Tentou desviar-se do cerco, procurou escapar por cima da calçada, mas chocou-se violentamente contra um poste.

Um homem, armado, excitado, tresloucado, saltou do carro, enquanto as duas via-

turas formavam um sanduíche do qual o recheio não poderia escapar. Os policiais saíam de armas em punho, berrando palavras de ordem e entrincheirando-se atrás das próprias viaturas, tão excitados quanto o perseguido. Completando a cena, inocentes transeuntes gritavam e corriam para todos os lados, procurando abrigo em entradas de prédios, em batentes de portas, em qualquer lugar que pudesse protegê-los. Por trás dos abrigos encontrados, dezenas de pares de olhos esticavam-se para assistir ao que estava acontecendo.

Agachado, o homem correu para a única porta aberta que poderia garantir-lhe abrigo: a entrada da academia de luta livre.

Em seu caminho, acabando de chegar com a marmita de todos os dias para o pai, estava o filho do ex-Homem-Montanha, paralisado pela surpresa.

O bandido agarrou-o pela gola da camisa e arrastou-o consigo.

– Vem cá, moleque!

Na entrada, trombou com uma cadeira de rodas onde estava um homem corpulento, fazendo-a girar. A marmita caiu no chão, abrindo-se e esparramando feijão pela calçada.

Do lado de fora, os policiais formaram um semi círculo em volta da porta, apontando suas armas e gritando:

– Saia! Saia de mãos para cima!

Entre os policiais e o bandido, lá estava o Homem-Montanha em sua cadeira de rodas, ainda girando um pouco pelo trompaço. Logo, porém, suas mãos fortes estabilizaram as rodas novamente.

Dentro da academia, uma dúzia de brutamontes suados, alguns ainda agarrados um ao outro em treinamento, levantavam os olhos de dentro dos ringues e paravam de esmurrar os sacos de areia, surpresos com aquela cena de violência, que desta vez não fazia parte das combinações da luta livre.

O bandido passava um braço em volta do corpinho do menino e esticava a arma na direção da entrada, apontando para fora, por cima da figura do Homem-Montanha, ainda na porta.

– Ninguém se aproxima! Ninguém se aproxima daqui! – berrava alterado o bandido.

– Eu tenho chumbo pra todo mundo!

De fora, o comandante dos policiais berrava de volta:

– Não toque em ninguém! Jogue a arma para fora e saia quietinho, de mãos para

cima! Prometo que ninguém vai machucar você!

O grupo de lutadores estava paralisado, como numa fotografia. A força física de todos eles anulava-se sob a ameaça da arma e da loucura do bandido.

– Escutem, tiras! – berrava o homem, sem afrouxar o abraço macabro com que envolvia o menino. – Eu vou sair daqui com esse moleque e ninguém vai atrás de mim. Baixem as armas! Quero um carro para fugir, com tanque cheio. Andem depressa!

Não recebeu resposta e um silêncio mortal tomou a cena. Um silêncio desesperado, um silêncio longo, longo demais, insuportável.

O tempo passava. Parecia eterno. Segundos? Minutos? Era um tempo que preparava tragédia. Era um tempo que antecedia a morte. Era um tempo impossível de cronometrar.

Os policiais entreolhavam-se, preocupados.

O tenente que os liderava murmurou para os outros:

– Calma! Vamos dar um cansaço nele. Logo ele se entrega!

Um policial mais velho, agachado ao lado de seu comandante, sussurrou de volta:

– Nada disso, tenente. Eu conheço esse elemento. É um louco! Um desvairado! Ele não vai se entregar nunca. Mata o menino, mata todo mundo e deixa-se matar, mas nunca se entregará!

A cabeça de um policial levantou-se detrás de uma das viaturas.

No mesmo instante, a arma do bandido fumegou duas vezes. Uma bala espatifou o para-brisa da viatura e a outra cravou-se na parede. A cabeça do policial desapareceu, protegendo-se.

O policial mais velho insistiu, falando tão baixo que parecia querer contar um segredo ao chefe:

– Pelo amor de Deus, tenente! O que é que a gente faz?

– Cala a boca, desgraçado! Cala a boca! – respondeu o tenente, em puro desespero, desejando que aquele dia tivesse sido a sua folga.

O silêncio e a expectativa tornaram-se tão cruéis quanto as ameaças do bandido. Não era possível aguentar mais um segundo, mas o tenente não ousava tomar qualquer iniciativa que pudesse custar a vida de alguém.

De repente, a voz do bandido rompeu o silêncio:

– Como é, tiras? É bom ir saindo daí e buscar o meu carro! Vou contar até três: se no fim das contas vocês não estiverem fora dessa rua, eu estouro a cabeça desse moleque!

Logo em seguida, todos ouviram uma voz grossa, alterada:

– Não! Outra vez, não!!!

Um rangido de metal. A cadeira de rodas do ex-Homem-Montanha girava, com decisão.

– Ei, aonde vai esse aleijado? – gritou o tenente, vendo aquela figura imensa avançar para dentro da academia. – Esse homem ficou louco? Ei! Volte aqui!

Impulsionada pelos braços fortes do Homem-Montanha, a cadeira percorria o cimento do piso da academia, direto para o bandido, que continuava agarrado ao corpo do seu filho.

– O quê!? – surpreendeu-se o homem. – Quem é esse aleijado? Sai da frente, imbecil!

A cadeira continuava, impulsionada pelos músculos do Homem-Montanha.

– Saia da frente, aleijado idiota! Quer morrer?

A arma baixou, apontando para o peito largo do aleijado. A impetuosidade daquela reação tão inesperada talvez não tivesse registro na cabeça do bandido e ele demorou a atirar. Montanha já estava quase sobre ele quando o gatilho foi premido. Um clarão e um esguicho de sangue na camisa do aleijado. Mas o impacto da bala foi menor do que o do corpanzil do Homem-Montanha, que jogava sua cadeira sobre o agressor, empurrando-o de encontro ao tablado de um ringue.

Plaf!

Uma bofetada em pleno rosto do bandido. Não pesada, como poderia ter sido, desferida pela munheca de um grandalhão daqueles. Uma bofetada... desmoralizante!

– Largue o menino! Dê essa arma aqui! Já!

A voz grossa, cavernosa, retumbante, não admitia contestações. Montanha arrancou a arma do bandido com uma das mãos e com a outra retomou o corpinho de seu próprio filho.

– Quietos, rapaz! – ordenava ele para o bandido, lívido de surpresa. – Abaixa aí! Abaixa, senão os homens entram aqui e te fuzilam!

Uma confusão dos diabos tomava conta de tudo: os policiais entravam em formação, arrastando-se pelas paredes, com as armas apontadas. Mas pouco restara para que eles providenciassem: o bandido estava ajoelhado no cimento, aos pés da cadeira de rodas do grandalhão, chorando... Foi algemado sem resistir.



Um som de aplauso e de alívio escapou de todas as gargantas, subiu por toda a rua, escalou os prédios, ganhou os ares.

Sobre o corpo do homem da cadeira de rodas, um menino abraçava-se, com a camisa manchada pelo sangue que brotava da camisa do aleijado. O menino chorava, chamando pelo pai.

Os olhos do Homem-Montanha fixaram-se nos do filho. Os olhos brilhavam, sorriam... Seu último olhar refletia o orgulho do seu menino, que nunca perdera a confiança nele.

Ele morria de cabeça erguida, como uma montanha.

Ah, aquele pai era invencível. Era o maior pai do mundo!